

# A MÃE DO SOL: NOTA A ESTESÍCORO FR. 8A FINGLASS (PMGF S17 = 185)

José Marcos Macedo

Universidade de São Paulo

[jmmacedo@usp.br](mailto:jmmacedo@usp.br)

## RESUMO

Num dos fragmentos da *Gerioneida*, de Estesícoro, o Sol, após cruzar os céus rumo ao ocidente, retorna de noite pelo Oceano à sua casa, onde o aguardam mãe, esposa e filhos. A identidade da mãe do Sol é obscura; segundo a tradição hesiódica, a Noite é sua progenitora, mas esta habita, de acordo com o próprio Hesíodo, no ocidente. O presente artigo sugere uma solução quanto à identidade e à morada da mãe do Sol com base na poética comparada indo-europeia. Material da tradição hínica indo-europeia mais antiga, o Rig Veda, nos leva a supor que Estesícoro, nesse particular, preserva um arcaísmo que, na Grécia, só é atestado de forma indireta num dos *Hinos Homéricos*.

**Palavras-chave:** Estesícoro; *Gerioneida*; mãe do Sol; poética comparada; indo-europeu.

## ABSTRACT

In one of the fragments from the *Geryoneis* by Stesichorus, the Sun is described returning home through the Ocean after a day's work. His mother, wife, and sons wait for him in the East. One cannot be sure who his mother is; according to Hesiod, Night has given birth to him, yet he says she lives in the West. This paper suggests another solution regarding the identity and dwelling place of the Sun's mother based on Indo-European comparative poetics. Comparative data from the Rig Veda, the most ancient Indo-European hymnic tradition, lead us to suppose that, in this particular case, Stesichorus preserves an archaism which, in Greece, is only indirectly attested in the *Homeric Hymns*.

**Keywords:** Stesichorus; *Geryoneis*; mother of the Sun; comparative poetics; Indo-European; Rig Veda.

Num dos fragmentos do que nos restou da *Gerioneida* de Estesícoro, Hélio, o Sol, embarca com destino ao oriente em sua taça dourada, após ter cruzado os céus em mais um dia de trabalho.

†ἄλιος δ' Ὑπεριονίδας†  
 δέπας †έσκατέβαινε† χρύσειον ὄφ-  
 ρα δι' Ὀκεανοῖο περάσας  
 ἀφίκοιθ' ἰαράς ποτί βένθεα νυκ-  
 5 τὸς ἐρεμνᾶς  
 ποτί ματέρα κουριδίαν τ' ἄλοχον  
 παῖδας τε φίλους (fr. 8a.1-7 Finglass)

‘Sol, filho de Hipérion, pôs-se a embarcar na taça dourada para, tendo atravessado o Oceano, chegar às profundezas da sagrada noite escura, à sua mãe, sua legítima esposa e seus queridos filhos.’

Não resta claro se, ao termo de seu trajeto pelas águas, o Sol atingirá as profundezas da noite, de um lado, e, de outro, seu círculo familiar (mãe, esposa, filhos), ou se a “mãe” do verso 6 acha-se em aposição à “noite” do verso 4, sendo ambas uma e mesma pessoa. A anáfora da preposição *ποτί* é inconclusiva a esse respeito: pode indicar tanto dois grupos diversos (as profundezas da noite de um lado, os familiares de outro) quanto um meio de explicitar o referente da perífrase “profundezas da *noite* escura” (noite = mãe). A noite é mãe do sol no párodo das *Traquíniás* de Sófocles: ὄν αἰόλα νόξ ... τίκτει ... Ἄλιον Ἄλιον αἰτῶ τοῦτο ‘tu que a cintilante noite dá à luz, ó Sol, Sol, peço-te isto...’ (*Tr.* 94-7).<sup>1</sup> Em Ésquilo é a aurora, a manhã, que tem a noite como mãe: εὐάγγελλος ... ἕως γένοιτο μητρὸς εὐφρόνης πάρα ‘que traga boas-novas a aurora, vinda de sua mãe noite’ (*Ag.* 264-5).<sup>2</sup> E o Dia nasce da Noite na *Teogonia* de Hesíodo: Νυκτὸς δ' αὐτ' Αἰθήρ τε καὶ Ἡμέρη ἐξεγένοντο, οὗς τέκε... ‘da Noite, por sua vez, surgiram o Éter e o Dia, a quem ela deu à luz...’ (124).

Sol, Aurora e Dia podem, em certa medida, ser equiparados como rebentos da Noite,<sup>3</sup> para cuja companhia se dirige o Sol do fragmento de Estesícoro. Ocorre que a noite tem sua morada no ocidente, ou pelo menos assim o afirma Hesíodo: τέκε... Γοργούς θ', αἷ ναίουσι πέρην κλυτοῦ Ὀκεανοῖο | ἐσχατιῇ πρὸς νυκτός, ἔν' Ἐσπερίδες λιγύφωνοι ‘deu à luz as Górgonas, que moram para além do famoso Oceano, na extremidade do mundo junto à Noite, onde estão as Hespérides de voz clara’ (*Teog.* 274-5).<sup>4</sup> Supondo que, também para

<sup>1</sup> Sobre a primeira estrofe desse canto, cf. MACEDO, 2017.

<sup>2</sup> Cf. *Ag.* 279 τῆς νῦν τεκούσης φῶς τόδ' εὐφρόνης λέγω ‘nessa noite, digo, que acaba de parir essa luz’. O leste, como ponto cardeal, é por vezes indicado por uma locução que coordena aurora e sol: πρὸς ἠὼ τ' ἠελιόν τε ‘na direção da aurora e do sol’ (*Hom. Il.* 12.239); τὰ πρὸς ἠὼ τε καὶ ἥλιον ἀνατέλλοντα ‘para os lados da aurora e do sol nascente’ (*Hdt.* 4.40.1).

<sup>3</sup> Cf. FRAENKEL, 1962, p. 148-9.

<sup>4</sup> Fato notado por DAVIES & FINGLASS, 2014, 256.

Estesícoro, a Noite teria endereço fixo no oeste, o Sol da *Gerioneida* não encontraria a mãe em casa ao retornar de sua lida diária. Não é de se descartar a hipótese, portanto, que a mãe do Sol no poema fosse concebida como outra, residente na região do sol levante. Teia é mencionada expressamente por Píndaro como mãe do Sol (*Íst.* 5.1 Μᾶτερ Ἀελίου πολυώνυμε Θεία ‘Ó mãe do Sol, Teia de muitos nomes’); seu papel de genitora da divindade já estava presente em Hesíodo (*Teog.* 371-4 Θεία δ’ Ἡελίον τε μέγαν ... γείναθ’ ὑποδμηθεῖσ’ Ὑπερίονος ἐν φιλότῃτι ‘Teia, submetendo-se em intimidade a Hipérion, deus a luz o poderoso Sol...’). Mas não há nenhuma ligação expressa entre Teia e o leste.<sup>5</sup>

Outra divindade referida como mãe do Sol é Eurifáessa, mencionada no *Hino Homérico ao Sol*.

Ἥλιον ὑμνεῖν αὐτε Διὸς τέκος ἄρχεο Μοῦσα  
 Καλλιόπη, φαέθοντα, τὸν Εὐρυφάεσσα βοῶπις  
 γείνατο Γαίης παιδὶ καὶ Οὐρανοῦ ἀστερόεντος·  
 γῆμε γὰρ Εὐρυφάεσσαν ἀγακλειτὴν Ὑπερίων  
 5 αὐτοκασιγνήτην, ἣ οἱ τέκε κάλλιμα τέκνα,  
 Ἥῳ τε ῥοδόπηχυν ἐϋπλόκαμόν τε Σελήνην  
 Ἡελίον τ’ ἀκάμαντ’ ἐπιείκελον ἀθανάτοισιν,  
 ὅς φαίνει... (h.Hom. 31.1-8)

‘Começa de novo a cantar o Sol (=Hélio), filha de Zeus, Musa Calíope, o brilhante, que Eurifáessa de olhos bovinos gerou ao filho da Terra e do Céu estrelado. Pois Hipérion casou-se com a afamada Eurifáessa, sua própria irmã, que lhe concebeu belos filhos: a Aurora (=Eos) de braços róseos, a Lua (=Selene) de adoráveis tranças e o incansável Sol (=Hélio), semelhante aos imortais, que brilha...’.

Eurifáessa ocorre tão somente nessa passagem; trata-se de um epíteto da Aurora que foi alçado a teônimo: “a que brilha amplamente”.<sup>6</sup> Que Eurifáessa é, em sua origem, um epíteto da Aurora, deduz-se da comparação com a tradição poética indo-iraniana. CAMPANILE (1987) mostrou que Εὐρυφάεσσα corresponde à colocação poética atestada no védico *usás- vibhātī-* e no avesta

<sup>5</sup> Seu próprio nome revela uma esfera de ação indeterminada: trata-se de um adjetivo substantivado (“a divina”), cuja razão para figurar como mãe do astro é obscura (cf. WEST, 1966, p. 270). PRIVITERA, 1982, p. 188, observa que Teia é fruto de especulação mitológica, não havendo sequer um culto em sua homenagem.

<sup>6</sup> O processo de transição é claro no caso de ἠριγένεια ‘que nasce cedo’: de epíteto (ἠώς ... ἠριγένεια ‘aurora que nasce cedo’ [Hom. *Od.* 4.195]) a teônimo independente (Ἠριγένεια ... χρυσόθρονος ‘Erigénia [=Aurora] de trono dourado’ [*Od.* 22.197]; χρυσόθρονον Ἠριγένειαν [*Od.* 23.347]).

recente *uśah- viuuaitī-* ‘aurora de brilho amplo’. O segundo elemento do composto -φάεσσα ‘brilhante’ é um particípio feminino da raiz *\*bʰeh₂-* ‘ser visível’ tal como o védico *-bhātī-* e o avesta *-uāitī-* < *\*-bʰeh₂-n̥t-ih₂* (o resultado esperado *\*-φάασ(σ)α* passou a -φάεσσα por analogia com os femininos em *\*-uent-*, após contrair-se em *\*-φᾶσ(σ)α*).<sup>7</sup> Quanto ao primeiro elemento, εὐρυ- substituiu o preverbo *\*ui-* ‘para longe’ (véd., av. *vi-*), mas é notável que o cognato védico *urú-* ‘amplo’ (instrumental feminino [=advérbio] *urviyá*) esteja presente na fraseologia hínica do Rig Veda: *urviyá ví bhāti* ‘brilha amplamente’ (1.92.9b), *urviyá ví bhāsi* ‘brilhas amplamente’ (6.64.2a), ambos em referência a Uśas (=Aurora).<sup>8</sup> E Uśas, assim como Eurifáessa, é apontada como mãe do Sol: *uśaso vibhātīḥ | ájījanan sūrīyam* ‘as Auroras (=Uśasaḥ) refulgentes acabam de dar à luz o Sol (=Sūrya)’ (RV 7.78.3bc) – *vi-bhātīḥ*, *ájījanan* e *sūrīyam* são etimologicamente cognatos de Εὐρυ-φάεσσα, γείνατο e Ἥλιον (grifados na passagem acima do *Hino Homérico*).<sup>9</sup>

À época da composição do hino ao Sol é de supor que Eurifáessa, epíteto da Aurora que ganhou autonomia como designação da deusa, não era mais reconhecida como sinônimo da divindade da manhã, o que terá levado a reinterpretá-la como mãe da própria Aurora (*b.Hom.* 31.6). Há de se notar que, confusão à parte, Aurora e Lua servem antes de contraste que põe em destaque o Sol, filho que ocupa a última parte do *tricolon crescens*, preenchendo um verso inteiro (7) seguido da predicação relativa iniciada no verso seguinte com o pronome ὅς.<sup>10</sup>

Não é despropositado supor, portanto, que, ao localizar a mãe do Sol no oriente, Estesícoro não siga a tradição teogônica de Hesíodo, mas uma tradição hínica grega que remonta possivelmente à época indo-europeia comum.<sup>11</sup> Cabe lembrar, porém, que Aurora e Noite são divindades com ligação estreita

<sup>7</sup> O resultado analógico -φάεσσα- recupera a prosódia original (breve–longa), perdida com a contração.

<sup>8</sup> A correspondência lexical entre εὐρὸν φα- e *urviyá bhā-* é apontada por WEST, 2007, 219. Cf. também GARCÍA-RAMÓN, 2006, p. 82, nota 5.

<sup>9</sup> Passagem védica citada por WEST, 2007, p. 219. Cf. ainda RV 3.61.4c *sʰvar jánanti* ‘dando à luz o sol’, dito de Uśas; RV 7.80.2d *prācikitat sūrīyam yajñám agním* ‘ela (=Uśas) trouxe à luz o sol, o sacrifício, o fogo’.

<sup>10</sup> O *tricolon crescens* (ou *crescendo*) é recurso retórico também conhecido como “lei de Behaghel”. No verso 6, a Aurora ocupa o primeiro hemistíquio (7 sílabas), a Lua o segundo (9 sílabas), ao passo que o Sol se espalha pelas 17 sílabas do hexâmetro (verso 7) e é agraciado com dois adjetivos, em contraste com os adjetivos solitários concedido a Aurora e Lua. Esses, aliás, encontram-se adjacentes à cesura, emoldurados pelos nomes divinos, numa estrutura em quiasmo que, pelo seu remate interno, sublinha o terceiro membro do tricolon (**Ἡὼ** τε **ρόδόπηχυν** ἰ **εὐπλόκαμόν τε Σελήνην**). Sobre a predicação relativa nos hinos gregos, cf. NORDEN, 1929, p. 168-176.

<sup>11</sup> Sobre a influência hínica em dois epítetos divinos em Estesícoro, em contraste com seu suposto influxo homérico, cf. MACEDO, 2016.

nos hinos do Rig Veda, sendo por vezes referidas no dual feminino *usāsānāktā* e *nāktosāsā* ‘Noite-Aurora’.<sup>12</sup> O dual *usāsā* ‘Aurora-Noite’ também se refere a ambas divindades, embora nele figure apenas o nome de uma delas.<sup>13</sup>

*agnīm ábhā devayatām mánāmsi , cákṣūṃsīva sūr̥̄ye sām̄ caranti*  
*yád īm̄ sūvāte usāsā vīrūpe , śvetó vājī jāyate ágre áhnām* (RV 5.1.4)

‘Para Agni convergem os pensamentos dos que buscam os deuses, como olhos fixos no sol. Quando Aurora e Noite (*usāsā*), de cores opostas, dão-no à luz (*sūvāte*), o reluzente corcel vem à luz (*jāyate*) no início dos dias.’

Aurora e Noite, como uma só divindade dual, dão aqui luz a Agni, o deus do fogo, que não raro é identificado ao sol, por exemplo em RV 10.88.10-13: *devāso agnīm ájijanañ chāktibhī rodasiprām ... yadéd enam ádadhur yajñíyāso divi devāḥ sūr̥̄yam ... ḡnīm devā ajanayann ... náksatram pratnām* ‘com seus poderes os deuses deram à luz o fogo (=Agni) que preenche as duas metades do mundo (...) quando os deuses dignos de sacrifício o puseram no céu como o Sol (...) os deuses geraram Agni ... como o astro primordial’.<sup>14</sup> Os aspectos cósmicos do fogo terrestre também são latentes nesta passagem, na qual Noite e Aurora amamentam o recém-nascido Agni, o fogo sacrificial matutino que surge como o Sol a cada novo dia: *nāktosāsā vārnam āmém̄yāne dhāpāyete śīsum ékam samīcī* ‘Noite e Aurora (*nāktosāsā*), intercambiando suas cores, amamentam juntas seu único filho’.

Se não é implausível imaginar que a passagem da *Gerioneida* tem como pano de fundo a ideia indo-europeia (ou ao menos greco-ariana) de que a Aurora é genitora do Sol, talvez não seja um passo arriscado supor, dadas as passagens védicas citadas acima, que ambas – Aurora e Noite – não se excluem como mães da divindade. Desse modo, para os que preferem ver em *ματέρα* do verso 6 do fragmento uma explicação para *νυκτός* do verso 4, não haveria contradição no fato de o Sol rumar a leste para reencontrá-las.

Seja como for, parece-me mais plausível a hipótese de que *ποτιτέρα* não se liga diretamente a *ποτι βένθεα νυκτός*, de modo que a noção subjacente seria a da Aurora, exclusivamente, como mãe do Sol. Não é possível descartar,

<sup>12</sup> Com ambos os membros do composto com flexão dual, cada qual com seu acento preservado. Cf. WACKERNAGEL, 1905, p. 150-4.

<sup>13</sup> Esse antigo uso do dual reflete-se em grego, por exemplo, no homérico *Αἴαντε* ‘os dois Ajax’, que por vezes faz referência, não aos dois Ajax (filho de Telamon e filho de Oileu), mas ao par de irmãos Ajax e Teucro (também no plural *Αἴαντες*; *Il.* 4.273). Cf. WACKERNAGEL, 1877.

<sup>14</sup> Cf. RV 10.88.6ab *mūrdhā bhuvó bhavati náktam agnis , tátaḥ sūr̥̄yo jāyate prātār udyán* ‘Agni torna-se cabeça do mundo à noite; assim nasce o sol, erguendo-se cedo de manhã’. Agni ainda é equiparado ao Sol, utilizado como seu aposto, em RV 3.14.4.

no entanto, a ideia de que teria havido uma confluência de mitos no poema de Estesícoro: a Noite hesiódica, genitora do astro, imiscuindo-se na concepção herdada da Aurora fulgente que o recebe em casa na volta do trabalho e o dá à luz dia após dia, no levante onde tem a sua morada.

## REFERÊNCIAS

- CAMPANILE, E. Histoire et préhistoire d'une formule poétique indo-européenne. *Études Indo-Européennes* 6, p. 21-24, 1987 (= *Saggi di linguistica comparativa e ricostruzione culturale*. Pisa/Roma: Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, p. 175-178, 1999).
- DAVIES, M. e FINGLASS, P. J. *Stesichorus: The Poems. Edited with Introduction, Translation, and Commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- FRAENKEL, E. *Aeschylus. Agamemnon. Edited with a Commentary* (vol. II). Oxford: Oxford University Press, 1962
- GARCÍA-RAMÓN, J. L. Homme comme force, force d'homme: un motif onomastique et l'étymologie du vieil irlandais *gus*. In: PINAULT, G.-J.; PETIT, D. (ed.) *La langue poétique indo-européenne. Actes du Colloque de travail de la Société des Études Indo-Européennes. Paris, 22-24 octobre 2003*. Leuven/Paris: Peeters, p. 79-93, 2006.
- MACEDO, J. M. Two Divine Epithets in Stesichorus: Poseidon ἱπποκέλευθος and Aphrodite ἠπιόδωρος. *Classical Philology* 111, p. 1-18, 2016.
- MACEDO, J. M. A Stylistic Remark on the Disjunctive Clause in Sophocles' *Trachiniae* 100-101. *Hermes* 145, p. 491-498, 2017.
- NORDEN, E. *Agnostos Theos. Untersuchungen zur Formengeschichte religiöser Rede*. Leipzig/Berlin: Teubner, 1929.
- PRIVITERA, G. A. *Pindaro: Le Istmiche*. Milão, Mondadori, 1982.
- WACKERNAGEL, J. Zum homerischen Dual. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung* 23, p. 302-310, 1877.
- WACKERNAGEL, J. *Altindische Grammatik. II,1 – Einleitung zur Wortlehre. Nominalkomposition*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1905.
- WEST, M. L. *Hesiod: Theogony. Edited with Prolegomena and Commentary*. Oxford: Oxford University Press, 1966.
- WEST, M. L. *Indo-European Poetry and Myth*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

Recebido: 8/7/2020

Aceito: 3/11/2020

Publicado: 7/11/2020

Rev. est. class., Campinas, SP, v.20, p. 1-6, e020008, 2020